

Resenha

O sentimento de si: história da percepção do corpo
(VIGARELLO, Georges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016)

Gabriela Barbosa ROCHA¹

Georges Vigarello é um historiador e sociólogo francês, atualmente Diretor de pesquisa da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) de Paris. Seus estudos sobre sociologia do corpo resultaram em obras que abordam temas como higiene, obesidade, estupro, virilidade e, tratando-se da obra escolhida, as representações do corpo através dos séculos.

O livro “O sentimento de si: história da percepção do corpo”, observa o gradativo aumento da consciência pessoal física, a história das sua percepção. O indivíduo não pode mais pensar-se sem o corpo e o transforma em vertente reflexiva. Essas mudanças que complexificam o fundamento corporal são o objeto deste livro. O autor argumenta que essa “invenção de ouvir o corpo” não surgiu tão recentemente, como a maioria das pessoas pensa. Um dos objetivos do livro é recuperar essa anterioridade para compreender melhor a visão atual do sentimento de si e também características marcantes do indivíduo contemporâneo.

A obra é dividida em três partes, a primeira delas busca compreender a percepção sensorial do intraorgânico como experiência tardia. Sensações internas que antes eram negligenciadas, agora constituem uma maneira nova de existir, e o autor ilustra o Iluminismo como vetor dessa mudança. O capítulo um faz um sobrevoo histórico para melhor exemplificar o indivíduo que passa a existir, a se perceber, a partir daquilo que organicamente sente. Complementando essa visão geral, o capítulo dois resgata o entendimento clássico dos sentidos humanos apenas como informantes do mundo externo para depois ilustrar como a experiência física do sentimento do corpo foi tomando forma na Modernidade. Uma inovação da curiosidade é demonstrada no capítulo três, que se demora nos exemplos de como o indivíduo, pela primeira vez, liga banalidades do cotidiano a indícios perceptíveis da percepção do corpo. A fenômeno do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).
E-mail: rocha.gabrielab@gmail.com

substantivo “si”, relacionado a um sentimento de existência, o capítulo quatro o define como um princípio de reconhecimento íntimo e aponta os desdobramentos dessa consciência na medicina, literatura e outras expressões do homem moderno.

A segunda parte da obra foca nas mudanças pertinentes à segunda metade do século XIX, a percepção do corpo transforma-se em base de reflexão e gera estudos e saberes inéditos. No capítulo cinco, são transcritos diversas narrativas provenientes de um fenômeno característico do início do século XIX, os diários íntimos. Eles provam o deslocamento da atenção, o indivíduo passa a acreditar na possibilidade de compreender melhor a si mesmo aprimorando a observação da sua sensibilidade visceral. Outro conceito importante elucidado pelo autor é o de “cenestesia”, uma secreta disponibilidade física, que coincide com a própria consciência. O capítulo seis mostra de que maneira ela foi transformada em objeto de estudo e quase teorizada. No capítulo sete, outras experiências ganham novo sentido e novo peso, como uso de drogas e corpos à deriva do sonho ou da loucura. Outra originalidade do século XIX são os avanços dos fisiologistas sobre os mecanismos nervosos. O autor mostra no capítulo oito como o espaço interior foi sendo diferentemente valorizado, originando uma redescoberta da origem das patologias.

Apresentando a discussão mais atual, a terceira parte do livro aponta a transformação do universo físico em um universo autônomo, no qual a consciência corporal atinge um lugar privilegiado na conquista do si. A extensão do sensível é o tema do capítulo nove, que entre o final do século XIX e início do século XX, evidencia a relação da transformação das experiências sensíveis com a nova excitação da cidade. Como os fluxos sensoriais desmedidos e o exagero das estimulações tem um impacto profundo nos corpos. No capítulo dez, encontra-se o que o autor chama de “invenção da modernidade”, o corpo torna-se um dos componentes na interioridade humana, e sua representação encontra o sentido de existência do indivíduo, situando-o. A presença do corpo vai cada vez sendo melhor definida e o último capítulo encarrega-se de ilustrar as práticas quase revolucionárias para intensificar o jogo das sensações. Essas mudanças se manifestam na publicidade, nos instrumentos de diversão, nos exercícios físicos, na literatura e outros aspectos da vida cotidiana. Por fim, o orgânico vira objeto de consciência do sentimento de si.

Georges Vigarello apresenta esse estudo sobre a história da percepção do corpo construindo um discurso, na medida do possível, imparcial. Apontando em igual medida os lados positivos e negativos da gradativa valorização do corpo para construção de uma identidade. No quadro contemporâneo, ela é construída fundada nas relações entre o carnal e o mental, não é mais assegurada apenas pela alma. Acredito que essa relação imediata cria uma vulnerabilidade no indivíduo, principalmente explorada pela publicidade. Acredita-se que um produto pode agir tanto da forma como foi projetado para experimentar-se, como também para suprir uma satisfação interna. Associar a própria personalidade à representação do corpo pode ser perigoso, visto que é interessante para a mídia projetar um padrão de vida utópico, em constante mutação, justamente para ser inalcançável. A progressiva valorização do corpo sem dúvida proporcionou um avanço científico para várias áreas do conhecimento, mas sua relação direta com a gradativa desvalorização de uma moral “de dentro”, pode gerar indivíduos superficiais e fragilizados para a lógica mercantil dos tempos contemporâneos.